



EDITORIAL / EDITORIAL

CONFLUÊNCIAS ENTRE A BIOÉTICA GLOBAL E A ECOLOGIA INTEGRAL

Confluences between Global Bioethics and Integral Ecology

Raquel. V. R Vilela *

Oton da Silva A. Júnior **

Apesar de a palavra ‘bioética’ ter sido utilizada em 1927 pelo teólogo protestante alemão Paul Max Fritz Jahr (1895 – 1953), o termo só se notabilizou no início da década de setenta, quando o oncologista estadunidense Van Ransselaer Potter (1911 – 2001) apresentou a bioética como uma “Ponte para o futuro”, livro publicado em 1971. Posteriormente, Potter apresentou outras perspectivas, como “Bioética global” (1988) e ainda, “Bioética profunda” (1998) a qual, segundo ele, visa ir à raiz dos problemas ambientais e defende os direitos de toda a comunidade biótica.

Ainda nos anos setenta, o neonatologista André Hellegers (1926-1979) propôs a bioética como área mais específica, voltada para a medicina, sobretudo ligada à reprodução humana. Tal imposição foi tão bem acolhida que a partir daí a bioética passou a ser entendida como ligada ao ambiente médico-laboratorial, só retomando seu caráter abrangente nos anos noventa.

Atualmente, a definição de bioética compreende diversas áreas, como a ética médica (aborto, clonagem humana, pesquisa com células tronco, manipulação de genes, sequenciamento de genoma e muitos outros); ética animal (direito dos animais, extinção de espécies, preservação de espé-

* Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

** Instituto Santo Tomás de Aquino, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

cies e outros); ética ambiental (mudança climáticas, poluição ambiental, biodiversidade, introdução de novas espécies, desmatamento e outros); e ética em pesquisa (questões de biocontrole, agentes químicos, engenharia genética, poluição por máquinas e outros).

Pensar a vida em sua amplitude, integrada com o ambiente à sua volta será o grande convite feito tanto pela bioética como pelo papa Francisco, sobretudo, em sua encíclica *Laudato Si'* (LS). É hora, segundo o Papa, de nos interrogarmos sobre o modo como a humanidade assumiu a tecnologia como um paradigma homogêneo e unidimensional, em que sobressai uma concepção do sujeito que progressivamente compreende e se apropria do objeto que se encontra fora (LS, n. 106). A perspectiva ecológica assim, por muito tempo foi entendida como relacionada a animais, plantas, minerais, mas não ao ser humano.

Segundo essas reflexões mais abrangentes, as grandes questões referentes à vida não se restringem aos debates em torno da última descoberta do laboratório, nas potencialidades das células tronco, mas em definir se a água é, ou não, potável, se a dengue neste ano fará mais vítimas que no ano passado, ou seja, questões muito mais elementares. Se a OMS define saúde pessoal como completo estado de bem-estar físico, psíquico, social e espiritual, as condições de vida ambiental saudável deverão ser igualmente consideradas (SIQUEIRA, PORTO, FORTES, 2007, p. 180). Para tal, dever-se-á repensar a relação humano-natureza, seus modos de consumo e integração como um todo, o que para o Papa assume ares de conversão ecológica (LS, n. 216).

A qualidade da vida das pessoas está diretamente ligada à qualidade da vida do ambiente, e só será possível assegurar uma levando em consideração a outra. Nas palavras da *Laudato si'*, 'tudo está interligado', um estribilho que se repete ao longo de toda a encíclica (n. 16, 42, 11, 117, 138, 240), não sendo possível isolar o ser humano da reflexão ecológica, nem considerar a abrangência da vida de forma fragmentada (n. 35, 46, 49, 110, 138, 160, 174). Francisco insiste que o grito da Terra e o grito dos pobres estão unidos: "O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social" (LS, n. 48). A bioética a este respeito se voltará ao universo das vítimas de tal degradação, na chamada 'bioética de proteção', voltada aos 'vulnerados' da terra, privilegiando o princípio de justiça, prescrevendo igualdade de acessos às vítimas da globalização (SCHRAMM, 2008, p. 13).

A Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos, de 2005, trouxe acenos importantes para a compreensão da abrangência da bioética, insistindo sobretudo no cuidado pela vulnerabilidade da vida. Em seu artigo 8, prevê o respeito pela Vulnerabilidade Humana e pela Integridade Individual: "Indivíduos e grupos de vulnerabilidade específica devem ser

protegidos e a integridade individual de cada um deve ser respeitada”. Por sua vez, o artigo 17 prevê a “Proteção do Meio Ambiente, da Biosfera e da Biodiversidade”.

Tal declaração foi alvo de várias críticas, dentre as quais a de H. Tristram Engelhardt que a acusou de ser apresentada como verdade metafísica, ignorando o dissenso moral sobre a maioria dos assuntos pautados pela Bioética. Os chamados “estranhos morais” ocorrem frequentemente, uma vez que

Os que se encontram numa disputa frequentemente discordam em relação a premissas básicas, assim, como a regras de evidência moral e metafísica. Isso equivale a dizer que as pessoas não estão em desacordo apenas em relação a determinadas questões morais, mas geralmente também em relação ao caráter de base da própria moralidade (ENGELHARDT, 2012, p. 21).

Papa Francisco, ao propor uma ecologia integral, tem consciência de tais dissensos, no entanto, insiste num “debate honesto e transparente, para que as necessidades particulares ou as ideologias não lesem o bem comum” (LS, n. 188). E faz o alerta de que “é sempre necessário alcançar consenso entre os vários atores sociais, que podem trazer diferentes perspectivas, soluções e alternativas” (LS, n. 183).

Em seu discurso na Pontifícia Academia para a Vida (25.06.18), o Papa sublinhou o lugar da bioética como garantidora da ‘convicção da irrevogável dignidade da pessoa humana’, não para decidir sobre ‘o destino da vida e da morte’, mas antes, buscar “formas do amor e do cuidado que devem ser dedicados à sua vulnerabilidade e fragilidade, [o que requer] atenção aos fatores sociais e econômicos, culturais e ambientais que determinam a saúde”.¹

Em períodos de graves catástrofes como os que estamos vivendo, em que a biodiversidade se define, espécies são extintas, graves mudanças climáticas, o ser humano é chamado a repensar o seu estar no mundo, a refundar os objetivos da vida. Após a II Guerra, foi hora de pautar os Direitos Humanos (1948) para que aquelas barbáries não mais se repetissem. No presente momento, é hora de nos perguntar:

Com que finalidade passamos por este mundo? Para que viemos a esta vida? Para que trabalhamos e lutamos? Que necessidade tem de nós esta terra? Por isso, já não basta dizer que devemos preocupar-nos com as gerações futuras; exige-se ter consciência de que é a nossa própria dignidade que está em jogo (LS, n. 160).

¹ FRANCISCO, Papa. *Discurso do Papa Francisco aos participantes na Assembleia da Pontifícia Academia para a Vida* (25.06.2018). Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/june/documents/papa-francesco_20180625_accademia-provita.html>. Acesso em: 10 out. 2019.

Não se trata de um retorno às cavernas. “A mudança é algo desejável, mas torna-se preocupante quando se transforma em deterioração do mundo e da qualidade de vida de grande parte da humanidade (LS, n. 18). Cabe à Igreja um alerta a respeito do cuidado da natureza, mas também proteger o homem de sua autodestruição (LS, n. 79).

Francisco apresenta alguns princípios para o profícuo diálogo entre a fé e a ciência: *A centralidade da pessoa humana*, que deve ser considerada um fim e não um meio; o *destino universal dos bens*, que diz respeito também aos do conhecimento e da tecnologia. O progresso científico e tecnológico, que serve para o bem da humanidade inteira e os seus benefícios não podem favorecer apenas poucas pessoas; *nem tudo o que é tecnicamente possível ou realizável é por isso mesmo eticamente aceitável*. A ciência, como qualquer outra atividade humana, sabe que tem limites a respeitar, para o bem da própria humanidade, e precisa de um sentido de responsabilidade ética.²

Num período anterior ao paradigma tecnocrático, a relação do ser humano com a natureza tinha a característica de acompanhar, secundar as possibilidades oferecidas pela própria natureza. Atualmente, no entanto, o que interessa é extrair o máximo possível das coisas por imposição da mão humana, passando a imagem de um crescimento infinito ou ilimitado, que tanto entusiasmou os economistas, os teóricos da finança e da tecnologia, penalizando a terra, espremendo o planeta em benefício próprio e momentâneo (LS, n. 106).

Francisco se mostra esperançoso de que seja possível voltar a ampliar o olhar, limitar a técnica, orientá-la e colocá-la ao serviço de outro tipo de progresso, mais saudável, mais humano, mais social, mais integral (LS, n. 112). Em seu recente escrito, o Papa reafirma:

Eu sinceramente sonho com um crescimento da consciência e de um sincero arrependimento de todos nós, homens e mulheres do século XXI, crentes e não crentes, de nossas sociedades, por nos deixarmos levar por lógicas que dividem, provocam fome, isolam e condenam. Seria belo se nos tornássemos capazes de pedir perdão aos pobres, aos excluídos; então nos tornaríamos capazes de nos arrepender sinceramente também do mal feito à terra, ao mar, ao ar, aos animais...³

Aceita a premissa de que tudo está interligado, a ética da vida deverá ampliar o olhar para além do paradigma antropocêntrico e incluir todas as demais criaturas. É hora de redesenhar uma nova ética socioambiental, que

² FRANCISCO, Papa. *Discurso do Papa Francisco aos participantes na plenária do Pontifício Conselho para a Cultura* (18.11.2017). Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/november/documents/papa-francesco_20171118_plenaria-cultura.html>. Acesso em: 10 out. 2019.

³ VATICAN NEWS. *Papa: rever os critérios da vida para salvar a vida na Terra*. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-10/papa-francesco-livro-leitura-crista-desafios-ambientais.html>>. Acesso em: 19 out. 2019.

embora tenha o ser humano como sujeito moral, sabe considerar a vida em sentido amplo. A este respeito, Leo Pessini, de saudosa memória (24.07.19), insistia que os referenciais fundamentais desta nova ética socioambiental são o respeito à alteridade, o cuidado responsável e a solidariedade com a vida em suas múltiplas formas de expressão (PESSINI, 2017, p. 10).

Longe de quisermos traçar em definitivo as principais questões bioéticas atuais, temos de lembrar que o desafio ligado à ética médica é cada vez mais exigente. Tópicos médicos como o início ou o fim da vida (particularmente, aborto, eutanásia, interrupção de tratamentos vitais, etc), genoma humano, clonagem humana, transplante de órgãos e acesso a serviços públicos de saúde, são questões iniciais que precisam ser redefinidas sob a ótica do desenvolvimento científico atual. Além disso, a bioética do acesso público a novos medicamentos e terapias moleculares também estão no centro destes debates e são apenas a ponta do “iceberg” em relação a esses problemas médicos. Provavelmente, levará uma ou duas gerações antes de abordarmos adequadamente essas questões bioéticas.

Na Bioética dos animais, os conceitos de que estes não têm status moral definidos por filósofos clássicos tiveram um impacto negativo na maneira como os humanos trataram os animais ao longo da história. Em contraste com a visão antropocêntrica (SINGER, 2009), novos conceitos sobre a proteção dos animais foram trazidos da Ásia para Europa. Essa nova posição veio de crenças budistas e hinduístas sobre o respeito dos seres humanos para com os animais, sendo esta postura adotada recentemente pelas culturas ocidentais (Fisiocentrismo) (BEUCHAMP, 2011).

Assim a visão negativa inicial em relação aos animais foi forçada a ser reexaminada, juntamente com muitas outras questões adotadas contra os animais. Atualmente, tópicos como animais experimentais na ciência, animais utilizados como transporte, animais confinados a jardins zoológicos e circos, o uso legítimo de animais para fins recreativos, caça recreativa, proteção animal e animal verso ambiente, sugerem que uma nova perspectiva em relação aos animais é agora amplamente reconhecida. Porém, temos muito ainda o que aprender para termos um convívio respeitoso com os animais e a natureza.

Por fim, lembramos a manipulação dos organismos vivos de diversas naturezas, uma vez que a indústria manipula o DNA das plantas para criar melhorias no seu crescimento, e aumentar a produção de sementes (culturas transgênicas). Além disso, animais e micróbios geneticamente modificados foram liberados na natureza com o objetivo de eliminar animais ou micróbios que prejudicam os seres humanos (estratégias de biocontrole). O perigo desta abordagem é que estas entidades vivas têm a capacidade de transferir horizontalmente o seu DNA e, portanto, podem adquirir propriedades imprevisíveis que podem causar novos problemas maiores do que aqueles pelos quais foram criados.

Com a liberação na natureza de resíduos contaminados com produtos químicos e nucleares e a falta de dados científicos sobre a real população microbiana total do planeta, provavelmente estamos exterminando comunidades inteiras de microrganismos que desconhecemos. A emissão de gases das indústrias, máquinas em geral e usinas, juntamente com os ciclos naturais de aquecimento e resfriamento da terra, que aumentaram a temperatura do planeta, com consequências devastadoras para o clima e uma solução econômica para esse problema ainda levará um tempo.

Embora a introdução à natureza de microrganismos com DNA manipulados pareça um passo economicamente adequado para os benefícios dos seres humanos, provavelmente as gerações futuras precisarão avaliar as consequências de tais procedimentos. Temos exemplos de novas tecnologias se voltando contra seres humanos. Um exemplo é o advento dos antibióticos e seu uso indiscriminado, o que contribuiu com a indução de resistência com consequências médicas devastadoras. A necessidade de desenvolver novas definições para unificar os critérios e os avanços tecnológicos humanos com uma perspectiva ética seria de suma importância para as gerações futuras que terão que enfrentar novos desafios com as mudanças relacionadas à filosofia da bioética ecológica.

A vastidão de temas ligados à ética da vida nos aponta para a própria vocação humana na terra como guardião da obra do Criador. Considerando o Senhor Deus como Aquele que melhor cuida do universo criado, garantindo vida em plenitude para todas, caberia uma releitura do “ser como Deus” (Gn 3,5) como sublime vocação. Num tempo em que as “as pessoas parecem já não acreditar num futuro feliz nem confiam cegamente num amanhã melhor a partir das condições atuais do mundo e das capacidades técnicas”, Francisco nos convoca: “Não nos resignemos a isto nem renunciemos a perguntar-nos pelos fins e o sentido de tudo. Caso contrário, apenas legitimaremos o estado de fato e precisaremos de mais sucedâneos para suportar o vazio” (LS, n. 113).

Referências

BEUCHAMP T. L. *Making Principlism Practical*. Bioethics, Londres, n. 25, p. 230-303, 2011.

ENGELHARDT, H. T. *Bioética Global: o colapso do consenso*. São Paulo: Paulinas, 2012.

FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, Papa. *Discurso aos participantes na plenária do Pontifício Conselho para a Cultura* (18.11.2017). Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/>

speeches/2017/ november/documents /papa-francesco_20171118_plenaria-cultura.html>. Acesso em: 19 out. 2019.

FRANCISCO, Papa. *Discurso aos participantes na Assembleia da Pontifícia Academia para a Vida* (25.06.2018). Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/june/ documents/papa-francesco_20180625_accademia-provita.html>. Acesso em: 02 set. 2019.

PESSINI L. Crise ambiental e crise ético-moral na perspectiva da *Laudato si'*. *Revista Iberoamericana de Bioética*, Madrid, n. 04, p. 01-12, 2017.

SCHRAMM F. R. Bioética da Proteção: ferramenta válida para enfrentar problemas morais na era da globalização. *Bioética*, Brasília, v. 1, n. 16, p. 11 – 23, 2008.

SINGER P. *Speciesism and Moral Status*. *Metaphilosophy* 2009, (40), p. 567-581.

SIQUEIRA, J. E.; PORTO, D.; FORTES, P. A. C. Linhas temáticas da Bioética no Brasil. In: DOS ANJOS, M. F.; SIQUEIRA, J. E. (Orgs.) *Bioética no Brasil: tendências e perspectivas*. São Paulo: Ideias e Letras, 2007. p. 161-184.

VAN RENSSLAER P. *Bioethics: Bridge to the future*. Englewood Cliff, N.J. Prentice-Hall, 1971.

VATICAN NEWS. *Papa: rever os critérios da vida para salvar a vida na Terra*. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-10/papa-francesco-livro-leitura-crista-desafios-ambientais.html>>. Acesso em: 19. out. 2019.

Editorial submetido em 22.10.2019 e aprovado em 28.11.2019.

Raquel. V. R Vilela MD, MsC, PhD, Doutora em Microbiologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, professora da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Minas Gerais, Médica chefe do Departamento de Dermatologia do Hospital da Baleia. Orcid.org/0000-0003-0943-3948. E-mail: rrraquelvv@gmail.com

Oton da Silva A. Júnior, Doutor em Teologia Moral pela Pontifícia Universidade Lateranense, Academia Alfonsiana, Roma. Professor no Instituto Santo Tomás de Aquino, Belo Horizonte. Orcid.org/0000-0001-5141-5917. E-mail: freioton@gmail.com

Endereço: Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127 – Planalto
31.720-300 Belo Horizonte – MG